

ISSN - 3085-5624

Eixo Temático 1 – Produção, Mediação e Gestão da Informação

**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR PARA O COMBATE À
DESINFORMAÇÃO****MEDIATION OF INFORMATION TO COMBAT MISINFORMATION IN THE SCHOOL**

Edno Santos – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – edno.santos@ichca.ufal.br – Orcid:
<https://orcid.org/0009-0006-4388-2033>

Juliana Fachin – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – juliana.fachin@ichca.ufal.br - Orcid:
<https://orcid.org/0000-0003-0883-642X>

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O texto apresenta reflexões preliminares a respeito da mediação da informação para o combate à desinformação no ambiente escolar. Como pressuposto de estudo que visa responder como combater à disseminação de *fake news* que gera desinformação no ambiente escolar?. Para iniciar as reflexões que visam buscar respostas, e com base na revisão de literatura, foi empregado o estudo de aporte teórico. A reflexão buscou apresentar a mediação no contexto atual das redes, a relação com a ciência da informação, direcionada para a educação e as redes da *web*; e as possibilidades de ações de combate e mitigação da disseminação de *fake news* que geram desinformação.

Palavras-Chave: mediação da informação; desinformação; combate à desinformação nas escolas.

Abstract: *The text presents preliminary reflections on the mediation of information to combat misinformation in the school environment. As a prerequisite for a study that aims to answer how to combat the spread of fake news that generates misinformation in the school environment? To begin the reflections that aim to seek answers, and based on the literature review, the study of theoretical support was used. The reflection sought to present mediation in the current context of networks, the relationship with information science, aimed at education and web networks; and the possibilities of actions to combat and mitigate the spread of fake news that generate disinformation.*

Keywords: *information mediation; disinformation; combat misinformation in schools.*

1 INTRODUÇÃO

Informação é um insumo capital de poder!

Devido à presença de informação nas redes, principalmente de conteúdos não credíveis, o processo de obtenção e disseminação de informações necessita ser reavaliado. A mediação surge como uma prática, associada as atividades de reconciliação e resolução de

conflitos, essa prática da mediação progrediu para abranger intervenção, diálogo e contribuir na formação de significados, desempenhando um papel como agente social que influencia no raciocínio durante o processo interpretativo.

A mediação da informação é um processo dinâmico de troca, que envolve um emissor e um receptor, ambos são sujeitos com concepções estabelecidas, influenciadas pelo meio do qual vivem, formando assim o capital intelectual, que único de cada sujeito, que tem carga informacional política, religiosa e social, das quais são impactadas com base em suas crenças e meio do qual vive. Segundo Almeida Júnior (2009), a mediação da informação é um processo histórico-social que não se concretiza em um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno, mas sim resulta da relação dos sujeitos com o mundo.

Com a evolução temporal, o conceito de mediação passou a englobar não somente a facilitação mas também a intervenção, a interlocução e a participação ativa na construção de significados, atuando como agente social que influencia e transforma ideias e pensamentos, principalmente as informações criadas para gerar impacto e influenciar o consumo, recurso utilizado pela indústria farmacêutica, de cigarro, alimentos, da saúde e recentemente da política com a propagação de desinformação para atingir à grupos específicos (Chomsky; Herman, 2003).

O mercado informacional na *web*, abre espaço para todo tipo de conteúdo, bem como, todo tipo de produtor de conteúdo, dos quais criam e disseminam informações conforme o seu interesse individual; a comunicação informal e formal se cruzam nas redes, criando informações derivadas, e muitas vezes essas se constituem como *fake news*, devido à sua natureza, fonte e na forma com é apresentada ou idealizada, com o intuito direto de gerar desinformação.

A mediação da informação em ambientes especializados, tende a prestar um serviço essencial para a sociedade, porém nas redes, ambiente sem lei, sem limites, sem regras, as pessoas fazem o que querem e como querem, motivadas por suas ideologias e concepções éticas do que é certo ou errado. Dito isso, fica a indagação: como combater à disseminação de *fake news* que gera desinformação no ambiente escolar?

Esse ensaio visa levantar pontos de reflexão a respeito da mediação da informação para o combate à desinformação no ambiente escolar. Empregando a revisão de literatura sobre a temática, utilizando para o debate o aporte teórico reflexivo dos seguintes textos:

Almeida (2016); Graves (2016); Bicheri (2008); Almeida (2008); Davallon (2007); Chomsky e Herman (2003); Davenport (1998); Saracevic (1996); Freire (1987).

Cabe salientar que esse esboço primário não tem a intenção de aprofundar nas questões relacionados às competências e habilidades do profissional da informação, algo a ser feito no futuro, nos estudos para a aplicação da pesquisa de mestrado.

2 MEDIAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

Davallon (2007, p. 9), “mediação é uma tarefa bastante específica do domínio das ciências da informação e da comunicação.”, no moldes tradicionais, o profissional da informação é quem desempenha o papel de mediador, atua como um agente especializado, na comunicação direta com o solicitante, por meio da entrevista, levantando as necessidades informacionais, as explícitas e as implícitas, com isso, esse profissional utiliza de suas habilidades e competências para pesquisar, rastrear e obter conteúdo que servirão de insumo informacional para que o solicitante se aproprie e transforme a informação em conhecimento, por meio da troca cognitiva, da correlação de informações já existentes (Santos Neto, 2017; Fachin, 2013).

Porém nas redes, sem o profissional da informação para mediar esse processo de busca, obtenção e troca de informação o usuário das redes solicita a informação aos sistemas de busca, o qual não tem habilidades para fornecer um arcabouço informacional completo (inerentes do ser humano, das quais possibilita extrair do solicitante, necessidades das quais ele não conhecia), para que o conteúdo possa desencadear no usuário o processo de transformação de um dado em informação e com isso, gerar um novo conhecimento, para esse indivíduo.

O mediador da informação é o sujeito que age como filtro, que visa facilitar na obtenção e no acesso dos recursos informacionais (Fachin, 2013); porém, como bem menciona Davenport (1998), é uma ilusão achar que podemos controlar o fluxo da informação, pois a arquitetura da informação sempre está em busca de meios de representar, estruturar e dispor de informações em sistemas que já existem, e esses sistemas são dinâmicos, o que faz com que a ecologia da informação seja algo dinâmico e mutável. Saracevic (1996), indica que “qualquer aspecto da ecologia informacional, devem

ser enfocados como complexos problemas ecológicos” independente do ambiente do qual a informação esteja, que está envolta em um organismo pré-existente e que se constitui por meio de outros elementos e sujeitos com cognição distintas.

Sendo assim, o ambiente informacional composto pelas redes na *web* são ambientes de dualidades, pois podem ser informacionais ou desinformacionais. Porém, no ambiente escolar, o aprendiz deve ter acesso aos mais diversificados conteúdos, para que possa se apropriar das diferentes vertentes e com isso construir sua base informacional que vai lhe dar subsídio para a elaboração de suas atividades, vivências e aprimoramentos, como membro de uma sociedade, da qual tem suas concepções, que impactam na vida desses indivíduos, agindo como um ser crítico e pensante, pois, como enfatiza Saracevic (1996), os problemas informacionais não diminuem, apenas se transformam.

3 COMBATER À DESINFORMAÇÃO NAS ESCOLAS

Com base no cenário atual da comunicação direta entre os usuários e as redes, a mediação da informação, no qual o agente profissional qualificado deixa de existir, a obtenção de informação flui de forma direta, sem filtros, sem avaliação das necessidades, dos impactos que certos conteúdos podem ter para determinadas pessoas, faixa etária ou grupos; nesse cenário, a atuação do profissional da informação se torna uma tarefa bastante difícil, pois não há controle do que e como as pessoas acessam o conteúdo na *web*. Bem como menciona Milton Santos (2008), esse é um dos aspectos que podem se enquadrar na perversidade da Globalização, com o uso de recursos da internet para manipular e desinformar os sujeitos, pensantes e não pensantes.

Porém, no ambiente escolar, a interação com o conteúdo desse espaço podem ser mediadas e filtradas, direcionando os estudantes para a obtenção da informação fidedigna e útil para o processo de ensino e aprendizado, empregando técnicas de interação de acordo com o meio e a necessidade de cada usuário ou comunidade, tornando o processo inclusivo e de fácil obtenção do conhecimento, para que se aproprie do saber de forma autônoma, conforme indica Freire (1987).

O combate à desinformação na escola deve acontecer por meio da capacitação dos estudantes, para utilizar os recursos da *web* da melhor forma possível; essa capacitação

deve iniciar na conscientização sobre ética, moral e responsabilidade social, e só depois, adentrar nas questões de necessidade informacional, sistemas e forma de busca e apropriação de conteúdos dispostos na *web*; propiciando ao sujeito, ferramentas de reflexão e autonomia para que seja “o agente de seu processo de aprendizagem” (FREIRE, 1987). É evidente que esses aspectos de capacitação devem estar adequados à faixa etária e nível de entendimento dos alunos, e em seus contextos socio-escolares.

Bicheri (2008), trata da mediação na escola como um processo de construção de consciência e de alternativas, no qual a pesquisa se faz por meio de diálogo crítico, sendo assim, o “pesquisador” deve aplicar a reflexão no processo de busca e obtenção de informação, desde os anos iniciais.

Essa capacitação do aluno, para executar a busca e para a obtenção da informação é parte do processo que hoje chamamos de letramento digital, o qual atinge a todos, indiferente de faixas etárias, classes e grupos, no qual requer a capacidade de compreender e analisar criticamente um conteúdo nas redes, em comunicar suas ideias de forma efetiva, vai além do domínio de ferramentas, de acesso e obtenção de informação na *web*. O profissional da informação precisa atuar mais como educador do que um mero agente de difusão da informação.

Outras implicações nesse processo de capacitação dos estudantes e usuários das redes é o uso de recursos de checagem de informação de forma autônoma, a fim de construir o senso crítico desse indivíduo, perante o meio que o cerca. Fachin, Araújo e Sousa (2021) e Graves (2016), em ambos os estudos, sinalizam a existência de métodos e sistemas de checagem de informação (*fact-checking*), que são empregados como instrumento de combate à desinformação nas *web*.

De acordo com Graves (2016), o método de checagem desempenha um papel fundamental na conscientização da necessidade de verificação das informações antes de sua disseminação, contribuindo significativamente para a mitigação da propagação de notícias falsas; porém, só a checagem não é suficiente, o combate à desinformação deve ser praticada em todas as esferas da sociedade, nas internet, nas redes sociais, nas mídias, na política, nas religião e nas escolas; principalmente nas escolas, onde os sujeitos são receptores ativos no processo de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paralelamente, diante de todo o avanço tecnológico e comunicacional da sociedade contemporânea, observa-se a crescente complexidade dos processos informacionais e o papel destacado da mediação nos espaços da *web*. Assim, a mediação da informação torna-se um elemento que demanda de uma compreensão mais aprofundada.

Para proteger os sujeitos contra as informações falsas na Internet é necessário estabelecer um sistema eficaz de combate a essas informações. De modo geral, esse sistema é compreendido como um conjunto de medidas inter-relacionadas, que abrange aspectos organizacionais, técnicos, legais e outros, que visem assegurar a prevenção, a detecção, o bloqueio e a exclusão de informações falsas na Internet, bem como a responsabilização dos autores por ações ilegais, por danos sociais, coletivos. Porém, para garantir a operação de tal sistema é indispensável o suporte científico e metodológico adequado, que se faz por meio de estudos e testagens de práticas.

Os métodos tradicionais de proteção, nessas circunstâncias, não são suficientemente eficazes, pois requer a participação ativa de pessoas na análise dessas informações, por sua natureza destrutiva e perigosa para todos os sujeitos da sociedade, o que demanda um gasto significativo de recursos humanos, materiais e científicos; por outro lado, tem-se os recursos de IA e sistemas de checagem autônomos, que são ágeis e possibilitam a verificação de um montante significativo de conteúdos ao mesmo tempo, porém, ainda não há nível ideal de percepção, que se iguala a do humano, por questões de estruturas informacionais e barreiras linguísticas, no uso de jargões, linguagem coloquial entre outras questões dificultam o treinamento da máquina para essa tarefa.

O mundo da mídia se retroalimenta constantemente, agravando ainda mais a complexidade desse cenário (imagens, vídeos e textos) e é por isso que o combate à desinformação nas escolas é um pilar importante na sociedade atual.

Os sistemas de mediação tradicionais continuam eficazes nos ambientes de inovação e de tecnologia, onde requer ativos informacionais tangíveis ou intangíveis, para a construção e o desenvolvimento de novos conhecimentos, servindo como insumo para o processo de inovação; no entanto, para o acesso e obtenção da informação no processo de ensino e aprendizagem, o profissional da informação vai precisar rever as suas competências

e habilidades para lidar com as demandas necessárias para capacitar os usuários, estudantes e sujeitos da sociedades para que sejam sujeitos críticos no processo de busca e obtenção da informação nas redes.

Por fim, para se aprofundar mais a respeito da mediação para o combate à desinformação, sob as perspectivas da Ciência da Informação, é preciso estudar um pouco sobre ética; sobre o comportamento humano no consumo de informação; sobre a relação da sociedade com a mentira; sobre o letramento digital; e sobre os aspectos da guerra híbrida e os impactos sociais e políticos para os membros da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf. Acesso em: 3 jul. 2024.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.]. v. 1, n. 1, p.01-10, 2008.

ALMEIDA, Regina Oliveira de. Mediação e letramento informacional: algumas considerações. **Revista Analisando em Ciência da Informação: RACin**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80829>. acesso em: 10 jul. 2024.

BICHERI, A. L. A. O. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face à crescente virtualização da informação**. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93713>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. **A manipulação do público**. Tradução de Bazán Tecnologia e Lingüística. São Paulo: Futura. 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5190794/mod_resource/content/1/A%20manipula%C3%A7%C3%A3o%20do%20p%C3%BAblico.pdf Acesso em: 29 jun. 2024.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo. **Prisma.com**: Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC, Portugal, n. 04, jun. 2007.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da Informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação? Tradução Bernadete Siqueira Abraão. São Paulo: Futura, 1998.

FACHIN, Juliana; ARAUJO, Nelma Camelo; SOUSA, Juliana Carvalho de. Credibilidade de informações em tempos de COVID-19. **Rev. Interam. Bibliot** [online]. 2020, v.43, n.3, e3. Epub maio, 2021. <https://doi.org/10.17533/udea.rib.v43n3erf3>. Acesso em: 29 jun. 2024.

FACHIN, Juliana. Mediação da Informação na Sociedade do Conhecimento. **BIBLOS: Revista Do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v.27, n.1, p. 25–42, 2013. Disponível em: <https://furg.emnuvens.com.br/biblos/article/view/3096/2390> Acesso em: 29 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos oprimidos**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf> Acesso em: 29 jun. 2024.

GRAVES, Lucas. **Deciding what's true: the rise of political fact-checking in American journalism**. New York: Columbia University Press, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444818795694?journalCode=nmsa> . Acesso em 25 jun. 2024.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Por_uma_outra_globaliza%C3%A7%C3%A3o/eBxvwrQXd58C?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PP1&printsec=frontcover Acesso em: 29 jun. 2024.

SANTOS NETO, J. A.; BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A concepção de apropriação da informação nos periódicos da área “Comunicação e Informação” e Anais do ENANCIB. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/%20546/688. Acesso em: 29 jun. 2024.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.